

País supera crise, diz Larosière

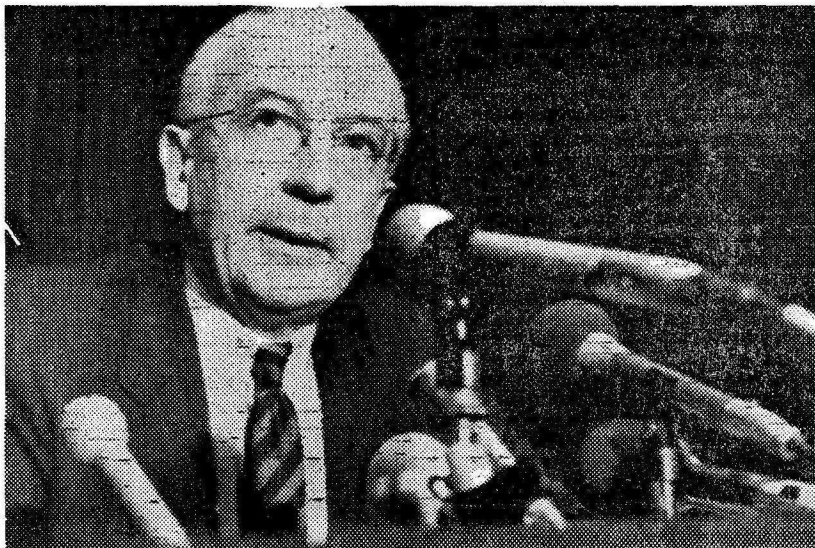
A.M. PIMENTA NEVES
Nosso correspondente

WASHINGTON — O diretor-geral do Fundo Monetário Internacional, Jacques de Larosière, afirmou ontem que países como Brasil, México e Argentina têm mais do que suficiente capacidade produtiva para, a médio e longo prazos, servir suas dívidas, ao mesmo tempo em que retomam o dinamismo interno. Isto é, com políticas apropriadas, a crise da dívida pode ser controlada e superada. Mas esses países — salientou — precisam demonstrar que estão dando os passos necessários para recuperar a viabilidade financeira.

Para ele, o fato de as dificuldades de balanço de pagamentos de muitos países envolverem fatores que não podem controlar não significa que esses países não tenham de ajustar suas economias. "Pelo contrário, a falha em ajustar comporá o problema inicial, resultando em inflação, controles de importação e muitas outras consequências que minarão a eficiência na alocação de recursos", disse de Larosière, num discurso pronunciado no American Enterprise Institute, em Washington.

Afirmou que os dois principais problemas econômicos existentes hoje são como superar a crise da dívida que afeta muitas nações em desenvolvimento e como restaurar um crescimento mundial equilibrado e sustentável. "Não é preciso dizer que as soluções desses dois problemas estão interligadas", acrescentou.

De Larosière, reservou também alguns conselhos para os credores dessas nações. "Simplesmente não é possível que países devedores partam de uma situação em que absorviam US\$ 50 bilhões anuais de empréstimos líquidos novos dos bancos comerciais para uma situação em



Arquivo

Diretor do FMI desaconselha a cessação dos empréstimos

que os fluxos são zero ou negativos, sem consequências desastrosas tanto para seu bem-estar como para suas perspectivas de desenvolvimento".

Ele reconhece que muito foi pedido emprestado em tempo muito curto, "mas a solução correta não é cessar todos os empréstimos e deixar que as fichas caiam onde caírem". Isso, alertou, poderia criar instabilidade política, cujas consequências não deixariam de atingir as estruturas econômicas e financeiras dos países industriais.

"A tarefa, portanto, é alcançar uma transição suave em que financiamento externo suficiente se torne disponível aos países devedores, para que possam reduzir sua dependência em relação à poupança externa de maneira ordeira e preservar sua habilidade de investir e crescer a médio prazo".

Ele comentou a existência de problemas na recuperação econômi-

ca do mundo industrializado e citou em primeiro lugar as altas taxas de juros. Nos sete principais países industrializados membros do FMI, por exemplo, as taxas de juros de longo prazo ficaram em média 5 pontos percentuais acima da taxa de inflação no terceiro trimestre de 1983. Nas três últimas recuperações mundiais, ficaram apenas 1 ou 2 pontos acima da inflação.

As taxas de juros são claramente influenciadas pelas expectativas inflacionárias e pelo grau de incerteza que cerca essas expectativas, disse de Larosière. "O fato claro — enfatizou — é que os déficits fiscais no mundo industrializado absorvem maior proporção da poupança privada hoje do que em qualquer outro período do pós-guerra. Em 1982, essa proporção alcançou em média quase 50% nos sete maiores países industrializados. Segundo ele, esses déficits minam as perspectivas de uma recuperação econômica a médio prazo.